



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de batismo da plataforma P-51

Angra dos Reis-RJ, 07 de outubro de 2008

Presidente: Tem uma negociação de uma empresa brasileira com as empresas equatorianas sobre a participação da Petrobras, que já está lá há algum tempo. Enquanto tiver a negociação comercial entre duas empresas é um problema de duas empresas e, portanto, elas vão negociar até chegarem a bom termo, naquilo que for de interesse do Equador e naquilo que for interesse da Petrobras. Na medida em que tiver qualquer implicância política, aí o Ministério de Minas e Energia e o Ministério das Relações Exteriores vão conversar, em nível de governo, com o Equador.

Estou convencido de que essas tensões que muitas vezes aparecem são, na verdade, menores do que aparentam. O que precisamos saber é o seguinte: se o Equador tem interesse ou não de ter a Petrobras produzindo petróleo lá, produzindo óleo e gás. A Petrobras tem que ver se interessa a ela, pela quantidade de reservas que tem o Equador, fazer investimentos lá. Se se colocarem de acordo está ótimo, se não se colocarem de acordo... Se não tem acordo, a Petrobras vai procurar outro caminho e o Equador vai procurar outros parceiros. É assim que se resolve os problemas, quando eles se tornam conflitantes.

Estou convencido de que na hora em que entrar na esfera política, os problemas serão muito menores, com o Equador, do que possam parecer. O Equador tem uma boa relação com o Brasil, o presidente é nosso amigo. Eu acho que há interesse estratégico de uma boa parceria com o Brasil. O Brasil tem interesse estratégico em manter a melhor relação possível com o Equador.

Portanto, eu acho que o que está havendo até agora são tensões normais de negociações que envolvem empresas importantes, e na área de



petróleo, o que é mais importante ainda, e sobretudo num momento em que o mundo está tomado pelo susto de uma crise financeira.

Jornalista: Presidente, gostaria que o senhor comentasse as eleições municipais. Tem alguma chance de reverter a vantagem do Kassab em São Paulo?

Presidente: Não me peça para analisar eleições municipais. Para mim, acabou a primeira fase. Acho que para o presidente da República o que interessa agora é trabalhar com todos os prefeitos eleitos, a partir do dia 1º de janeiro. Vai ter o segundo turno. Obviamente, eu tenho sempre que analisar a minha participação na campanha, em função da base do governo.

Tenho gente montando quadro eleitoral do que vai acontecer no segundo turno, para depois eu tomar a decisão. Quando eu tomar a decisão, certamente vocês serão os primeiros a saber, porque terei interesse que vocês divulguem a minha posição, em quadro de qualquer estado, de qualquer capital.

Jornalista: Presidente, o investimento que a ministra Dilma anunciou, esse investimento é para ajudar a não espantar os investidores do pré-sal?

Presidente: Qual investimento?

Jornalista: De 10 bilhões.

Presidente: Não, os 10 bilhões, na verdade, são um fundo da Marinha Mercante que nós estamos disponibilizando como crédito para as empresas começarem a produzir as coisas que precisamos produzir na nossa indústria naval. Tem muitas encomendas de navios feitas pela Petrobras, tem muitas



encomendas de outros produtos feitas pela Petrobras e, portanto, precisamos dar disponibilidade de recursos para que essas empresas possam começar a fazer as obras. Esses 10 bilhões são uma boa saída e um bom início para que a gente tenha a nossa indústria naval definitivamente restabelecida.

Jornalista: Presidente, no sábado o senhor disse que a crise chegaria no Brasil como uma marola. O anúncio das medidas feitas ontem significa que vai chegar bem mais forte?

Presidente: Vamos ver o problema da crise na sua dimensão. Temos uma crise financeira muito séria, sobretudo nos Estados Unidos, a ponto de o pacote americano envolver quase 1 trilhão de dólares. Não é pouca coisa. Eu fiz uma comparação entre a crise mexicana, a crise asiática e a crise russa, em que o Brasil quebrou duas vezes. E essa crise, até agora, embora envolva 1 trilhão de dólares, até agora nós estamos antevendo um problema de crédito no mundo inteiro. Por quê? Porque quem tem dinheiro me parece que está sentando em cima, não quer mais disponibilizar.

A crise começa a se apresentar na Europa, numa demonstração de que também na Europa alguns bancos estavam envolvidos na crise do *subprime*. Já estou vendo vários governos europeus disponibilizando garantia para os detentores de conta corrente, 80 mil euros, e nos Estados Unidos foram 250 mil dólares.

O que eu tenho dito? É que até agora essa crise não chegou ao Brasil. Na medida em que começa a se apresentar problema de falta de crédito para as nossas exportações, cabe ao governo brasileiro, tendo disponibilidade, colocar os recursos necessários para que as nossas exportações sejam garantidas. Na medida em que começam a se apresentar problemas com bancos menores, sobretudo quando se trata de crédito consignado, de crédito de automóvel, o que nós fizemos? Nós tínhamos diminuído o compulsório para



que os bancos maiores pudessem comprar a carteira desses bancos menores, e ontem nós resolvemos tomar a decisão de o próprio Banco Central fazer o redesconto, como se faz no mundo inteiro, para evitar que os bancos menores fiquem reféns dos bancos maiores.

O que eu posso dizer para vocês até agora é o seguinte: essa crise, nós não sabemos o tamanho dela ainda. Começou com as pessoas tentando esconder, parecia que era uma coisa menor. O governo americano demorou para tomar uma decisão de colocar dinheiro no mercado para cobrir o rombo dos seus bancos, depois teve que colocar 850 bilhões de dólares. Os europeus até agora diziam que não tinham nada, agora começam a repor. Então a crise começa a aparecer.

O que eu tenho dito é que não temos o direito de aceitar a socialização da desgraça, ou seja, se os bancos americanos e os bancos europeus resolveram fazer do sistema financeiro um cassino, no qual o que valia era menos a economia real e mais a especulação de papéis, e muitos papéis podres, não podem, agora, responsabilizar nenhum país emergente por essa crise. É a primeira vez que temos uma crise dos chamados países ricos.

Agora, o que estamos tentando ponderar nesse momento: o meu Ministro da Fazenda estará viajando amanhã para os Estados Unidos junto com o meu presidente do Banco Central, e nós queremos fazer alguma discussão no âmbito internacional. Primeiro, Basileia sempre teve os encontros dos bancos centrais e sempre determinaram regras para o funcionamento dos bancos centrais do mundo inteiro. Eu acho que agora eles têm que tomar uma decisão.

Primeiro eles têm que coibir a especulação financeira que vinha acontecendo nos últimos tempos. Qual era a explicação para o preço do petróleo estar a 150 dólares se não uma especulação no mercado futuro? Qual era a explicação do aumento repentino das *commodities*, se não uma especulação no mercado financeiro? As pessoas diziam: o petróleo está



subindo porque a China está consumindo muito. A China não parou de consumir, e por que o petróleo caiu de 150 para 85? É porque, na verdade, o próprio Senado americano começou a investigar a especulação no mercado futuro do petróleo, porque descobriu-se que no mercado futuro do petróleo tinha a mesma quantidade de barris que a China consome. Bem, então os bancos centrais precisam tomar uma atitude para regular o sistema financeiro internacional.

A segunda coisa é não permitir a alavancagem acima da competência de um banco. Aqui no Brasil um banco de investimento pode alavancar, de financiamento, no máximo dez vezes o patrimônio líquido do banco. Ora, nos Estados Unidos chegou a 35%. Então o banco está emprestando... chegou a 35 vezes, não 35%. A 35 vezes, ou seja, numa demonstração de que as pessoas são “pães-duros” e estão aí vendendo financiamento de coisas que eles não podem garantir.

A terceira coisa que nós precisamos acabar, é com essa maldita figura do bônus que foi criada no sistema financeiro, ou seja, um cidadão estabelece uma meta e por conta daquela meta você estabelece um bônus, e aí ficam os agiotas profissionais inventando ganhos para poder receber mais bônus. O que não é justo é que os países pobres do mundo agora sejam chamados a fazer sacrifício por conta de uma dívida que eles, com a mesma facilidade que criaram, deveriam resolver.

Eu estou convencido de que no Brasil, e é uma decisão de governo, nós iremos fazer o que for necessário para que a gente não permita que as nossas obras de infra-estrutura, que estão contidas como prioritárias no PAC, parem. Nós não vamos parar o Comperj, por exemplo, não queremos parar o Arco Rodoviário, não queremos parar as ferrovias que estamos fazendo, não queremos parar a refinaria da Petrobras. Por quê? Porque é só do sucesso desses investimentos que a gente terá garantido mais dinheiro, mais recursos para novos investimentos.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa: eu tinha acabado de dizer que não vou discutir eleição municipal. Acabou a primeira fase. Na segunda fase, quando o partido fizer as alianças que tiver que fazer, e precisar que eu participe de campanha, participarei de campanha. Mas vamos aguardar. Vamos aguardar pelo menos o partido tomar as decisões que tem que tomar.

Jornalista: ...a P-51 representa um marco, agora, do PAC e da recuperação da indústria naval brasileira?

Presidente: Eu acho que a P-51 representa um marco da recuperação definitiva da indústria naval brasileira. Esta plataforma foi motivo de celeuma, de polêmica, de mentidos e desmentidos, e hoje ela está aqui, 100% nacional. Sabe, é um motivo de orgulho porque é a aprovação da engenharia brasileira, a aprovação dos trabalhadores brasileiros, da competência da Petrobras, da competência dos estaleiros brasileiros, então é tudo o que um país precisa. É ser dono do seu nariz e esta plataforma está dizendo ao mundo: finalmente o Brasil é dono do seu destino e do seu nariz, em se tratando de indústria petrolífera e indústria naval. É isso o que nós estamos dizendo. Deus queira que agora venha a P-56, depois a P-60, a 70, a 90, a 100, ou seja, se o pré-sal tiver a quantidade de petróleo e gás que nós imaginamos que tenha, vamos ter tanta "P" que vocês certamente virarão especialistas em plataformas logo, logo.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31EGJLP)